Dez Encantamentos

by Paty.ninde

Category: Harry Potter
Genre: Drama, Romance
Language: Portuguese
Characters: Draco M., Hermione G.
Status: In-Progress
Published: 2016-04-16 01:43:32
Updated: 2016-04-26 02:16:54
Packaged: 2016-04-27 16:17:33
Rating: M
Chapters: 4
Words: 6,450
Publisher: www.fanfiction.net
Summary: Deixo esta carta endereÃ§ada Ã quem a encontrar. Para que possa entregar Ã ela, para que seja conhecida minha histÃ³ria, meu sacrifÃcio, minha demÃªncia.

1. Hominum Revelio

I- Homenum Revelio

* * *

><p><strong>NOTAS INICIAIS<strong>

Hello, people!

Esta Ã© uma Dramione, com capÃtulos relativamente curtos. Espero que curtam e deixem um review :)

* * *

><p><em>Deixo esta carta endereÃ§ada Ã quem a encontrar. Para que possa entregar Ã ela, para que seja conhecida minha histÃ³ria, meu sacrifÃcio, minha demÃªncia.<em>

xx

* * *

><p>Os tentÃ¡culos do monstro que me atormentava hÃ¡ meses prendiam a boca do meu estÃ´mago. E o calor incÃ´modo em minhas orelhas, o formigamento em meu ventre, eram a prova cabal de minha loucura â€” com todas as implicaÃ§Ãµes que este fato poderia trazerâ€”.<p>

A primeira vez que pus os olhos nela foi numa manhÃ£ tediosa. Quarta - feira, para ser mais exato.

Eu jÃ¡ a conhecia a tempo suficiente â€” por volta de quatro anos â€”. Tempo este que gastei olhando para ela como uma ameaÃ§a odiosa, ou ainda, um ser digno de repulsa.

Naquela quarta feira, tudo transcorria normalmente, exceto pelo fato de que era aula de feitiÃ§os, e o corpo dela parecia flutuar com o movimento leve da respiraÃ§Ã£o tranquila, responsÃ¡vel pela fluidez da varinha no preparo do encantamento. Meus olhos pousaram nas mechas cor de chocolate, com mesclas de tons dourados. O movimento dos lÃ¡bios ao proferir as palavras necessÃ¡rias era quase imprÃ³prio, e a curva do pescoÃ§o desenhava um caminho sem volta. E eu, Ã© claro, estava completamente perdido.

Naquele dia, Hermione Granger tomara para si minha atenÃ§Ã£o pela primeira vez. Como um tiro de canhÃ£o, dilacerou tudo o que havia dentro de mim, misturando Ã³dio e atraÃ§Ã£o numa mesma poÃ§a de sangue quente e borbulhante, causando-me nojo, medo e um Ã³dio surdo, por nÃ£o conseguir conter as reaÃ§Ãµes do meu prÃ³prio corpo. Foi confuso, desajeitado e fora da ordem natural. Eu gostaria de me esconder e azara-la; amaldiÃ§oa-la por fazer-me sentir uma vergonha inominÃ¡vel e, sobretudo, a culpa pungente invadindo minha alma.

Meu Ãºnico pensamento na manhÃ£ preguiÃ§osa, sob o olhar curioso do Prof. Flitwick, era o de que a mÃ£o pequena, que segurava a varinha com graÃ§a e habilidade, poderia estar acariciando meus cabelos.

Isso era deveras imprÃ³prio. Eu sabia.

xx

Dizem os mais sÃ¡bios â€” e os metidos a sÃ¡bios tambÃ©m costumam palpitar neste sentido â€” que com o passar dos anos as convicÃ§Ãµes caem por terra. As pessoas amadurecem e criam para si novas manias e, em certos casos, alguns trejeitos sÃ£o adquiridos pela convivÃªncia com outras pessoas. Da convivÃªncia com ela, eu havia adquirido o dom de observa-la sem ser notado.

Ela era o significado da impropriedade, na medida em que representava o fruto mais proibido da Ã¡rvore proibida. Como se houvesse um medidor que auferisse o grau de "proibitividade" da Ã¡rvore dos frutos proibidos. Meu pai a classificaria como a fruta podre dentro da Ã¡rvore sÃ£, esta sendo representada pelos bruxos de sangue puro. E por muito tempo ela havia sido a sujeira da sola dos meus sapatos, a erva daninha que crescia no meu mundo perfeitamente arquitetado pelos nobres.

No entanto, naquela aula de feitiÃ§os, talvez pelo sombreado de seus cabelos desenhando o pergaminho, ou quem sabe o brilho dos cÃ-lios, evidenciado pela luz do sol, que entrava fraca pela janela, eu olhei-a, de fato. Encarei-a como a mulher que estava se tornando, e assumi o risco do precipÃ-cio, mesmo sabendo que a queda seria mortal.

NÃ£o que ela possuÃ-sse beleza extraordinÃ¡ria, quiÃ§Ã¡ um porte digno. Hermione Granger nÃ£o possuÃ-a quaisquer atributos que justificassem a atraÃ§Ã£o que tomara conta de mim. Talvez as notas de caramelo e baunilha que emanavam da pele leitosa, ligeiramente bronzeada pelas fÃ©rias passadas em algum paÃ-s da AmÃ©rica fossem a razÃ£o. Eram o verdadeiro convite a um mergulho insano e

desarrazoado.

O tic - tac do relÃ³gio cuco em cima da mesa do professor, pronto para ser transformado em areia, de acordo com a atividade proposta no inÃ-cio da aula, indicava que o tempo estava passando, rÃ¡pido demais. Logo eles estariam em locais diferentes, seria difÃ-cil encontrar um Ã¢ngulo para observa-la sem se fazer notar. Precisava manter a postura de arqui-inimigo, atuaÃ§Ã£o esta que talvez nÃ£o se sustentasse, tendo em vista a confusÃ£o que me possuÃ-ra. Eu sabia que, enquanto proferisse palavras asquerosas em relaÃ§Ã£o a ela, ou tentasse a todo custo prejudicar aqueles a quem ela amava, o meu corpo, em protesto violento, clamaria pelo contato perfumado e quente que deveria ser o corpo dela, e minhas mÃ£os suariam, Ã¡vidas por poderem alisar as maÃ§Ã£s do rosto dela, lisas e aveludadas.

xx

Ouvi entÃ£o a voz do Professor Flitwick, congratulando-a pelo sucesso com o feitiÃ§o. O relÃ³gio parara de fazer seu tic tac caracterÃ-stico e se desfizera, dando lugar a uma areia fina e clara. Ela tinha que estragar minha observaÃ§Ã£o? Nunca se cansava de me provocar, mesmo quando nÃ£o sabia que estava agindo desta forma.

O professor deu a aula por encerrada e eu continuei me questionando acercado do atrevimento inconsciente da sabe - tudo infeliz. Tivera a audÃ¡cia de realizar o feitiÃ§o e entregar o relatÃ³rio primeiro do que eu, e ainda interrompera o Ãºnico momento que eu poderia contempla-la furtivamente!

Idiota.

O Ã³dio queimava em minhas veias, como sempre acontecia quando ela estava por perto, mas agora era um Ã³dio de mim mesmo, por ser influenciado pela presenÃ§a sÃºtil e marcante de uma nascida trouxa. _Uma nascida trouxa_.

Quando o ultimo rastro de sua presenÃ§a na sala se fora, eu pude concluir que ela era alguma espÃ©cie de desastre natural: Onde passava causava um estrago sem remÃ©dio. Aparentemente estava me deteriorando, e eu estava permitindo.

XX

Abri o livro de feitiÃ§os aleatoriamente, tentando nÃ£o segui-la com o olhar. As palavras piscaram, como se fossem parte de uma mensagem dirigida especialmente para mim:

Homenum Revelio

"_Encantamento que revela presenÃ§as humanas."_

Com minha pena, aproveitando os Ãºltimos minutos que restavam e esquecendo o relatÃ³rio da maldita aula, desenhei uma seta no trecho que acabara de ler.

Quarta â€“ feira, aula de feitiÃ§os. Ela havia tornou-se visÃ-vel para mim.

2. Repello Trouxatum

II - Repello Trouxatum

* * *

><p>O primeiro toque nÃ£o fora calculado, tampouco voluntÃ¡rio. Ela desvendava os ingredientes e buscava a melhor forma de utiliza-los. Eu estava do lado dela, contra minha vontade (ou nÃ£o, ainda nÃ£o havia me decidido sobre o que eu queria ou nÃ£o queria, quando o assunto era ela). Goyle havia causado um pequeno acidente com os ingredientes da poÃ§Ã£o que deveria ser preparada. Ele fizera buracos em toda a mesa, destruÃ-ra as minhas anotaÃ§Ãµes e como se nÃ£o bastasse, as vestes de Severo Snape havia sido vÃ-tima da burrice do garoto.<p>

O professor, entÃ£o, nÃ£o querendo _"prejudicar o rendimento de um aluno tÃ£o aplicado como o Sr. Malfoy"_, optou por me deixar do lado dela, que nas palavras dele, apesar de insolente, era uma aluna que realizava suas tarefas sem maiores tumultos. A Ãºltima frase veio acompanhada de um olhar mortal na direÃ§Ã£o de Gregory Goyle.

As masmorras nÃ£o refletiam luz alguma, mas de certa forma ela trazia um brilho matreiro no olhar. A sombra de um sorriso de quem se orgulhava por mais uma descoberta â€” mais uma de tantas outras â€” . Ela estava feliz, e virava freneticamente as folhas do seu livro de poÃ§Ãµes, cheio de rabiscos e anotaÃ§Ãµes com a letra miudinha e redonda.

EntÃ£o aconteceu de novo. Ela sorriu, de verdade, para uma colega sem importÃ¢ncia, provavelmente da GriffinÃ³ria. E nem mesmo a escuridÃ£o das masmorras conseguiram ocultar meu desconforto. Comecei a multiplicar o nÃºmero de ladrilhos do banheiro da Murta - que - geme pelo nÃºmero de artefatos proibidos escondidos em minha casa. A distraÃ§Ã£o sempre era a melhor fuga.

Mas minha poÃ§Ã£o nÃ£o mentiria. E o erro na mistura pÃ´de comprovar a extensÃ£o de minha completa derrota e perdiÃ§Ã£o, bem como colocou por terra minha teoria de que "A distraÃ§Ã£o sempre era a melhor fuga". Em se tratando de Hermione Granger, talvez a morte fosse a melhor fuga.

Prof. Snape tinha uma peculiar afeiÃ§Ã£o pela casa da serpente. Os pontos eram garantidos mesmo quando Goyle fazia alguma coisa muito estÃºpida, como derrubar ingredientes extremamente nocivos e causar estragos imperdoÃ¡veis. Ou quando eu cometia o mais infantil dos erros e perdia o ponto de fervura da poÃ§Ã£o, destruindo um trabalho impecÃ¡vel de horas. Claro que isto nunca havia acontecido

AtÃ© aquele dia.

Ao contemplar a coloraÃ§Ã£o azul turquesa da poÃ§Ã£o e o odor fÃ©tido de dente de trasgo â€” indicadores de um fracasso colossal â€” meus olhos permaneceram estÃ¡ticos, observando o lÃ-quido se espalhar pela mesa e cair no chÃ£o. Eu experimentei a sensaÃ§Ã£o de catatonia pela primeira vez. Ouvi a voz do professor Snape como se ela estivesse a quilÃ´metros de distÃ¢ncia, e o burburinho da sala era sÃ³ um leve barulho, que mal chegava aos meus ouvidos.

Quando meu nome foi chamado pelo que eu imagino ter sido a terceira

vez, voltei, e tive que lidar com os risinhos abafados, bem como os olhares curiosos, que pulavam de mim para o professor. Por certo, todos estavam esperando a puniÃ§Ã£o do aluno predileto, da casa Predileta.

Cerrei o punho com forÃ§a, machucando a palma de minha mÃ£o com a pressÃ£o das unhas, que, mesmo curtas, me presentearam com algumas escoriaÃ§Ãµes que causariam uma dorzinha incÃ´moda mais tarde.

De repente, aquela velha ardÃªncia no estÃ´mago, o tremor violento pelo corpo, e a jugular pulsando descontroladamente indicaram um sentimento, velho conhecido meu. Vergonha e Ã“dio.

Se ela nÃ£o tivesse sorrido, nada daquilo teria acontecido.

As palavras de Severo Snape ainda longe, mas suficientemente audÃ-veis, chegaram aos meus ouvidos; todavia, demorei em compreendÃª-las. Ele nÃ£o me puniu. NÃ£o fez qualquer observaÃ§Ã£o, sequer dirigiu-me o seu famoso olhar de reprovaÃ§Ã£o. Apenas me chamou para um "comparecimento a sala dele", e eu pude notar, na carranca impassÃ-vel, uma expressÃ£o de curiosidade e surpresa. _Ele percebera_.

Para Granger, no entanto, dirigiu um olhar de reprovaÃ§Ã£o, e culpou-a do fiasco que havia sido minha poÃ§Ã£o. Alegou que ela estava prÃ³xima demais e algumas poÃ§Ãµes nÃ£o reagem muito bem a _"certos bruxos"_. Eu sabia muito bem, e desconfiei que ela tambÃ©m houvesse compreendido que ele estava falando do tema tabu: **Pureza do Sangue**.

A sala ficou em o mais absoluto silÃªncio. Mas duvido que algumas pessoas tenham entendido. Nem todos haviam captado no ar a acidez do professor de poÃ§Ãµes.

NÃ£o perdi a oportunidade, claro. Dei uma piscadela para meus amigos, que riram, sentindo-me â€” sem conseguir entender o porquÃª â€”, um idiota logo em seguida. Algo como culpa. Mas nÃ£o tinha muita certeza naquele momento.

Eu consegui captar o olhar de cumplicidade entre eles; uma revolta mÃºtua e por que nÃ£o dizer, um Ã³dio dirigido a mim, o maior beneficiado de toda a " Suposta injustiÃ§a ".

_ O trio. Sempre o maldito trio._

Era estranha e quase incÃ´moda essa uniÃ£o inabalÃ¡vel. Todos veneravam os salvadores de Hogwarts. Pessoas que, na maioria das vezes, contavam com a sorte, e claro, o favoritismo que lhes era dedicado pelo diretor â€” nada imparcial â€” da escola.

PorÃ©m, nÃ£o me importei com os murmÃºrios indignados dos GriffinÃ³rios. De uma forma ou de outra, eu havia sido favorecido, e eu nunca reclamaria disto. Afinal, vencÃª-la era um Ãªxtase inominÃ¡vel, desde o dia que meu pai descobrira que ela tinha notas melhores do que as minhas. O tapa violento nunca deixou de arder, e as palavras de reprovaÃ§Ã£o nunca pararam de queimar em toda minha pele.

Desafia-la era bom, ela respondia a altura. Ambos sempre fomos arrogantes e perspicazes, e as respostas nunca saÃ-am da ponta da

lÃngua. O ponto alto era a sensaÃ§Ã£o de vinganÃ§a, quando conseguia tira-la do sÃ©rio.

Naquela aula, apÃ³s a confusÃ£o causada, bem... por ela mesma. Hermione estava particularmente concentrada, perdida em nossa competiÃ§Ã£o silenciosa, para ver quem entregaria o relatÃ³rio sobre a poÃ§Ã£o que deveria ter sido preparada em aula. Snape permitira que eu entregasse o relatÃ³rio, mesmo sem a poÃ§Ã£o.

Sempre tive o melhor, entÃ£o me deparei com alguÃ©m melhor. Ela corria contra o tempo e olhava em minha direÃ§Ã£o a cada cinco segundos.

Quando finalmente levantou, vencendo-me â€” mais uma vezâ€”, me adiantei, aproveitando-me do tamanho das minhas pernas, na tentativa de mitigar o espaÃ§o que me separava da mesa do professor.

O chÃ£o ainda possuÃa resquÃcios da poÃ§Ã£o que eu deixara passar do ponto. Estava viscoso e altamente escorregadio. Ela tentou me ultrapassar, aumentando a velocidade, mas foi vencida pelos pÃ©s, deslizando e patinando em minha direÃ§Ã£o.

Quando senti o toque da mÃ£o delicada, apoiando-se bruscamente sobre o meu braÃ§o, entendi que o sol lÃ¡ fora era um mero coadjuvante, se comparado com o calor que irradiava por todo o meu organismo. NÃ£o permiti que ela caÃsse, e como se meu corpo respondesse muito mais rÃ¡pido do que meu orgulho e todas as convicÃ§Ãµes, pressionei levemente a mÃ£o miÃºda, garantindo a seguranÃ§a da nascida trouxa que eu costumava odiar.

Com a velocidade de um raio interrompi o contato involuntÃ¡rio, deixando-a sem equilÃbrio, com um olhar intrigado e os lÃ¡bios levemente entreabertos numa expressÃ£o de singela surpresa. Ã‰ claro que ela percebera. _Droga_.

O contato havia acabado. Me dirigi Ã mesa e entreguei meu relatÃ³rio e o dela, apÃ³s xinga-la, aleatoriamente, de "desastrada ou coisa do tipo". SaÃ apressadamente, antes que os olhares e risinhos dos outros alunos conseguisse minar o pouco de dignidade que ainda me restava depois da cena cÃ´mica que se desenrolara.

Do lado de fora da sala, caminhei a passos largos para a biblioteca. As veias pulsavam e a jugular queimava pela quantidade de sangue que passava ali. Mas, ainda assim, permaneci paralisado por dentro; ciente de que a sensaÃ§Ã£o de cem lareiras acesas permaneceria no local tocado pelas mÃ£os suaves dela por _muito_, **muito** tempo.

EntÃ£o, como quem faz uma prece desesperada, fechei os olhos com forÃ§a e repeti baixinho, umas duzentas vezes:

"Repello Trouxatum"

Acreditando que desta forma, tudo o que possuÃsse sangue trouxa se afastaria.

Nunca estive tÃ£o enganado.

_..._

3. Alohomorra

III. _Alohomorra_

* * *

><p><strong>NOTAS INICIAIS<strong>

Mais um capÃ-tulo, para os eventuais leitores! A histÃ³ria nÃ£o estÃ¡ sendo betada, por isso, peÃ§o que perdoem a falhas, por favorzinhoo!

Enjoy it *-*

* * *

><p>Serei muito sincero neste momento, e espero nÃ£o causar emoÃ§Ãµes tÃ£o conflitantes â€” certo de que vocÃª acharÃ¡ minha estratÃ©gia bastante cruel.<p>

Fazer mal a quem ela queria bem sempre fora parte do plano. Pessoas como ela ficavam bem sozinhas, e ela estava sempre acompanhada dos amigos imbecis, desprovidos de qualquer talento. Sobre Weasley, nÃ£o sei se preciso falar muito a respeito. Sempre fora um burro, integrante de uma famÃ-lia desordeira e traidora do sangue; Harry Potter, como todos sabem, tinha apenas a fama a seu favor e mais nenhum atrativo que enchesse os olhos, alÃ©m da cicatriz ridÃ-cula na testa.

Veja bem, a solidÃ£o transforma as pessoas. Elas passam a olhar para quem estÃ¡ a sua volta de forma diferente. Se tudo Corresse conforme o planejado, ela se tornaria um alvo fÃ¡cil, e eu nÃ£o hesitaria em atirar onde mais causasse estrago. Eu sempre soube que o olhar de Ã³dio dirigido Ã minha pessoa, seria facilmente derrubado caso ela pudesse estar comigo, sem comparaÃ§Ãµes com seus amiguinhos.

xx

_VocÃª nÃ£o pode controlar todas as coisas, mas pode controlar a forma como algumas delas acontecem. _

Minha mÃ£e me disse isso certa vez. Foi uma frase inusitada para os termos dela, que acreditava no poder daqueles que nascem "em condiÃ§Ãµes adequadas", de controlar o curso do mundo.

_xx_

Naquela semana o sol havia retornado, finalmente. Depois de um mÃªs inteiro de chuva intensa, a grande estrela voltara a iluminar os vitrais que embelezavam as janelas de Hogwarts.

_Mais uma aula com ela. Era__** torturante.**_

Odiava a presenÃ§a de Hermione nos corredores da escola, mas odiava ainda mais a sua existÃªncia, ali tÃ£o prÃ³xima. Tornando-me suscetÃ-vel aos piores sentimentos que um homem poderia experimentar.

Naquele dia eu estava especialmente preparado. Pedira para meu pai comprar _"Um estudo avanÃ§ado sobre poÃ§Ãµes impossÃveis "_, um livro com poucos exemplares, que ele dera um jeito de comprar, na tentativa desesperada de fazer o filho ser o melhor em alguma coisa.

Ela entrou na sala, aparentemente preocupada com alguma coisa. Estava completamente sozinha, o que era deveras estranho, jÃ¡ que sempre estava na cola dos dois babacas: Potter e Weasley.

Os olhos estavam visivelmente inchados e vermelhos. Ou dormira demais, ou chorara demais, a hipÃ³tese de estar usando poÃ§Ãµes entorpecentes tambÃ©m passou pela minha cabeÃ§a, e a ideia me provocou um riso involuntÃ¡rio. Ela olhou em minha direÃ§Ã£o, contrariada, e o nosso diÃ¡logo ficou gravado em minha memÃ³ria.

"Feliz, Malfoy?"

Fiquei me questionando, com uma porÃ§Ã£o generosa de raiva, sobre o quÃ£o insolente ela poderia ser, a ponto de cometer o atrevimento de dirigir-me a palavra? Com aquele tom debochado, ainda por cima.

" _Falando comigo, Granger? Ou com a sola dos meus sapatos de puro couro 'Malfoy'. Produzido nas melhores lojas bruxas?"_ . _**Mais deboche**__._

" A sola dos seus sapatos renderiam uma boa conversa. SÃ£o mais valiosas e inteligentes do que o prÃ³prio dono." Ela estava com o nariz empinado, os olhinhos castanhos mirando de esguelha, por cima.

_"Senhorita Granger, nÃ£o bastasse a confusÃ£o causada na aula passada, ainda tumultua a presente aula com provocaÃ§Ãµes ao Senhor Malfoy?" A voz untuosa do professor Snape se fez ouvir. O mesmo rosnado desdenhoso de sempre. " Menos 40 pontos para a GrifinÃ³ria ". _

" Senhor Malfoy, devo parabeniza-lo pela precisÃ£o no corte dos ingredientes. A poÃ§Ã£o levarÃ¡ metade do tempo para ficar pronta. Por descobrir esta informaÃ§Ã£o sem precisar da orientaÃ§Ã£o de um docente, concedo 50 pontos para a Sonserina. "

O sabor da vitÃ³ria era doce. O sabor da vitÃ³ria quando a batalha era contra Hermione Granger, era uma tonelada de iguarias da Dedosdemel.

"_Obrigado Professor" _

Virei-me para Hermione, com o velho sorriso presunÃ§oso de sempre. O coraÃ§Ã£o fervendo, a garganta seca e uma vontade quase doentia de alcanÃ§a-la e prendÃª-la entre os armÃ¡rios e os ingredientes de poÃ§Ãµes, absorver todo o cheiro que emanava dos cabelos desalinhados e volumosos.

_" Respondendo Ã sua pergunta, Granger: Estou extasiado." _

Ela nÃ£o retrucara daquela vez. Algo no curso natural das coisas havia se alterado. Ela sempre respondia de volta. Hermione tÃ£o

somente encarou o meu sorriso velhaco e o olhar vitorioso. Eu poderia apostar que, dentro dela, a sensaÃ§Ã£o de injustiÃ§a provavelmente queimava feito uma lareira que acabara de fazer uma ligaÃ§Ã£o.

E eu consegui ver, olhando-a nos olhos, que ela estava infeliz. Uma grande parcela de meu ser estava embevecida, afinal, conseguira calar a sujeitinha mais irritante de toda a escola. No entanto, havia uma voz dentro de mim, quase adormecida, que gostaria de saber o que havia acontecido.

De acordo com os burburinhos nos corredores, ela havia terminado seu namoro com o ruivo pobretÃ£o. Estava ferida, solitÃ¡ria e eu nÃ£o mentirei, estava perfeita para mim. Eu finalmente poderia fazÃª-la entender o quÃ£o infeliz era a vida das pessoas que viviam Ã margem da fama do "Garoto-que-sobreviveu". Desejar a solidÃ£o dela, para poder tÃª-la era cruel, mas eu nunca fui o mocinho, e na Ã©poca, eu clamava por uma oportunidade. Uma que fosse perfeita para aplacar meus desejos.

Naquela mesma semana nos colocaram para realizar a pior das funÃ§Ãµes, juntos. Sendo monitores estÃ¡vamos encarregados de ajudar Madame Pince na organizaÃ§Ã£o dos chamados, livros "mortos", que nada mais eram do que _exemplares inÃºteis_, os quais os alunos sequer tocavam, e faziam um volume desnecessÃ¡rio na Biblioteca da Escola. Ã‰ claro que a opiniÃ£o dela havia sido em sentido completamente oposto da minha. Nas palavras da sabichona, os livros "mortos" representavam a melhor e maior parcela da histÃ³ria de Hogwarts. Utilizou uma infinidade de argumentos, que eu parei de ouvir logo no inÃcio, pois, dois tigres ferozes brigavam dentro de mim, um deles sentia vontade de gritar com ela, manda-la calar a boca, afinal de contas estava acabando com a minha concentraÃ§Ã£o. Dizer o quanto ela era repugnante e uma ameaÃ§a Ã pureza da sociedade bruxa. O outro tigre, dizia, por sua vez, num tom morno e sussurrante, que gostaria de apanhar-lhe os lÃ¡bios e cala-la com, nÃ£o um , mas vÃ¡rios beijos. Tocar a pele macia que deveria ser sua nuca, e desembaraÃ§ar todo aquele emaranhado de fios que caiam levemente pelos ombros estreitos.

Ela me chamou muitas vezes. Perguntando -me se estava tudo bem, porque, de repente eu ficara pÃ¡lido e trÃªmulo. Respondi-a com a frieza e malcriaÃ§Ã£o de sempre, e ela nÃ£o disse mais nada.

Durante algumas horas ficamos na biblioteca, cada um pensando no que quer que fosse, e CÃ©us! Como eu desejava saber o que ela estava pensando... Mas, para minha infelicidade, nÃ£o houve mais nenhuma palavra. AtÃ© o fatÃdico momento, que eu costumo chamar de: _'Onde tudo comeÃ§ou a __**mudar**__'_

"Eu nunca lhe agradeci." Ela falou, de repente. O livro pesado que estava preso entre minhas pernas, caiu, atingindo em cheio meu pÃ©. NÃ£o doera, mas eu nÃ£o sabia o que responder, entÃ£o optei pelo desprezo de sempre.

"NÃ£o me lembro de ter lhe ajudado algum dia, Granger"

"Bem, vocÃª pode se comportar como um imbecil que sempre foi, ou pode admitir que se nÃ£o tivesse amparado a minha queda, eu provavelmente estaria sem os dedos, por encostar numa poÃ§Ã£o altamente destrutiva, que estava no chÃ£o."

"Reflexos, Granger, dizem que Ã© involuntÃ¡rio. Esteja certa de que se eu estivesse sob o controle total da situaÃ§Ã£o, nÃ£o teria 'amparado sua queda', seria muito mais interessante vÃª-la sem os dedos, ou qualquer outro membro."

Ela nÃ£o disse nada. Parecia pensativa, e, apÃ³s alguns segundos de ponderaÃ§Ã£o, falou o que eu pretendo guardar para o resto de minha vida.

"Talvez exista algo de bom nestes seus reflexos, entÃ£o. Quem sabe vocÃª nÃ£o seja de todo ruim, Malfoy. Deixe seus reflexos fazerem algumas coisas em seu lugar."

Diante da ausÃªncia de hostilidade, minha mente nÃ£o conseguia trabalhar com a mesma rapidez. Eu poderia ser estÃºpido, novamente, ou apenas sair dali, mas, aparentemente, meu corpo ficara colado na poltrona da biblioteca. Alguma coisa dentr ode mim gostaria de saber o que aconteceria depois.

Contrariado, e provavelmente com um semblante confuso demais para disfarÃ§ar quaisquer reaÃ§Ãµes que poderia estar demonstrando, levantei-me e aproximei-me dela, que nÃ£o estava tÃ£o longe â€“ apenas duas poltronas de distÃ¢ncia -. Cheguei prÃ³ximo o suficiente para toca-la, ajoelhei-me em frente a ela, e senti que meu sangue corria apressado nas veias, o coraÃ§Ã£o batia freneticamente, e eu me perguntei se ela conseguiria ouvi-lo. Retirei o livro que estava no colo dela _"A utilidade das pupilas de um Gryndllow morto hÃ¡ duas semanas." _Segurei a mÃ£ozinha, levemente suada, e trÃªmula e pressionei-a, como no dia em que a salvara de uma queda fatal. Sem desviar o olhar dos olhos castanhos e surpresos, aproximei a mÃ£o dos meus lÃ¡bios e plantei um beijo no dorso. Meus lÃ¡bios formigaram em resposta, e senti-a estremecer. Ela nÃ£o retirou a mÃ£o. Me coloquei em pÃ©, sem solta-la, e pressionei suavemente os frÃ¡geis dedos.

Quando finalmente depositei a mÃ£o de volta no colo dela, o silÃªncio, quase sagrado, foi quebrado pela minha voz, arenosa e bastante fraca.

"Reflexos."

Virei-me e caminhei em direÃ§Ã£o Ã porta, sem olhar para trÃ¡s. Eu sabia que algo havia mudado. Sorri, nÃ£o um sorriso vitorioso, mas um daqueles que a gente nem percebe que estÃ¡ dando.

A primeira porta havia sido aberta. O primeiro espaÃ§o a ser conquistado.

**Alohomorra...**

Nunca um feitiÃ§o fizera tanto sentido

_xx_

VocÃª nÃ£o pode controlar todas as coisas, mas pode controlar a forma como algumas delas acontecem.

4. Expelliarmus

NOTAS INICIAIS

SerÃ¡ que alguÃ©m lÃª isso aqui? haha

Bem, de qualquer forma, aqui vai mais um capÃ-tulo *-*

* * *

><p><strong>IV - EXPELLIARMUS<strong>

No final de 1996, inÃ-cio de 1997, eu recebi o convite. NÃ£o que fosse algo facultativo, mas possuÃ-a todas as caracterÃ-sticas de um convite. Um papel negro com duas serpentes entrelaÃ§adas como brasÃ£o, que se moviam com leveza em direÃ§Ã£o a uma cabeÃ§a de caveira, posicionada ao centro. Ao abrir o envelope, uma voz gÃ©lida e cruel, sobreposta com alguma mensagem oculta em lÃ-ngua de cobra, me convocava para a fatÃ-dica cerimÃ´nia. Deveria estar bem vestido, a varinha em mÃ£os e a mÃ¡scara do orgulho cravada em minha face. Eu me tornaria um _Comensal da Morte._

Meu pai sorria, um riso temeroso, mas ainda assim um sorriso. Tinha a esperanÃ§a de que eu pudesse limpar as sujeiras que ele havia deixado pelo caminho. Eu nÃ£o conseguiria, Ã© claro, mas precisava tentar, afinal, era minha famÃ-lia que estava nas mÃ£os do Lorde. Eu nÃ£o tinha escolha, como sempre.

Escolha. Uma palavra bonita, ou um monte de lixo. Na maioria das vezes a segunda opÃ§Ã£o.

Na minha infÃ¢ncia nunca havia pensado nas escolhas que teria que fazer quando crescesse. Sendo um Malfoy, as escolhas eram feitas pelos meus pais. Rinsk, um dos muitos elfos domÃ©sticos da MansÃ£o, separava minhas roupas â€” previamente selecionadas pela minha mÃ£e â€”. Um outro elfo qualquer escolhia o cardÃ¡pio do dia.

Meu pai ficava com a melhor parte, ou pior, a depender do ponto de vista: **Ele escolhia o meu destino.**

E ainda hoje eu me questiono se Harry Potter, o heroizinho do mundo Bruxo, nÃ£o teria feito as mesmas merdas que eu, se fosse criado nas mesmas condiÃ§Ãµes que eu. NÃ£o estou dizendo, e que isso fique bem claro, que sou vÃ-tima. O que fiz, estÃ¡ feito, e quando o fiz, a princÃ-pio, estava munido de vontade, livre e consciente. Eu acreditava naquilo que haviam me ensinado.

Entretanto, nunca quis ser 'vilÃ£o'. Meu desejo sempre fora a veneraÃ§Ã£o. Uma mente infanto-juvenil nÃ£o guarda, em seu Ã-ntimo, crueldade o suficiente para desejar o lado negro. Para desejar ser um homem mal. Eu tive plena certeza deste fato na cerimÃ´nia de iniciaÃ§Ã£o. Toda a carga negra e pestilenta que ela trazia consigo, era a prova de que meu lugar nÃ£o era servindo o Lorde mais poderoso que o mundo Bruxo jÃ¡ conhecera, tampouco cumprir missÃ£o tÃ£o desprezÃ-vel: **Matar Alvo Dumbledore.**

Mas eu tinha de fazer, pela proteÃ§Ã£o dos meus.

Por isso eu escolhi o lado mais fÃ¡cil. Eu nÃ£o fugi em busca de refÃºgio ou auxÃ-lio do diretor de Hogwarts, como o trio fazia. Eu segui o conselho daqueles a quem eu deveria proteger, porque esta Ã© e sempre serÃ¡ minha natureza. Confiar no meu sangue. E isto era, de

certo modo, o caminho mais fÃ¡cil.

Como alguÃ©m poderia me culpar por ter medo? Por preferir o lado mais confortÃ¡vel? Nossas histÃ³rias pecam ao contar que os mocinhos sÃ£o aqueles que passam por cima de todos os obstÃ¡culos, que chutam para o alto aquilo que acreditam, em busca de vitÃ³ria ou redenÃ§Ã£o.

O ser humano, na verdade, Ã© feito de pequenos atos de heroÃ-smo e muitas situaÃ§Ãµes eu escolhi a vilania. Mas em alguns momentos eu optei pelo heroÃ-smo.

xx

**InÃ-cio do Ano Letivo, **

01 de Setembro de 1996

NÃ£o parei para contar quantas vezes ela havia me olhado. Na plataforma 9Â¾ sentia os olhos sagazes buscando algum contato visual, minha pele queimava em resposta. NÃ£o havia me esquecido dos breves segundos em que eu havia tocado cada extensÃ£o da pele macia de suas mÃ£os. No entanto, eu tinha um caminho espinhoso pela frente, uma tarefa que demandaria muito mais do que o respeito de Voldemort, custaria todo o pequeno progresso que eu obtivera com ela naquela tarde do ano anterior, na biblioteca.

Mas era impossÃ-vel manter a distÃ¢ncia por muito tempo. Nos corredores, trocÃ¡vamos olhares, mas eu estava fugindo dela, e ela percebeu. Eu percebi nos olhos castanhos a dÃºvida, que fervia por conta do beijo casto que eu depositara nas mÃ£os dela. O que havia acontecido na biblioteca apÃ³s a desastrosa aula de poÃ§Ãµes do ano anterior, nÃ£o havia sido discutido, explicado ou mesmo motivo de discussÃµes acaloradas entre nÃ³s. E de minha parte, pelo menos, nada seria esclarecido. Fora algo involuntÃ¡rio,
inexplicÃ¡vel

xx

Foi numa manhÃ£ bastante chuvosa de outubro que nos falamos novamente. Na porta da biblioteca, o nosso lugar sagrado, ela me questionou sobre o que havia acontecido, sobre minha '_reaÃ§Ã£o absurdamente estranha'. F_alou tambÃ©m sobre como eu estava estranho e com uma aparÃªncia horrÃ-vel. Ficamos ali, por horas, e hoje, eu jamais saberia dizer o porquÃª. Como se de repente o destino quisesse nos pregar uma peÃ§a . E nÃ³s caÃ-mos. Acabamos, naturalmente, criando uma rotina. NÃ£o combinÃ¡vamos nada, apenas aparecÃ-amos na biblioteca, fingindo procurar um livro que jÃ¡ possuÃ-amos. E eu reafirmo, nunca compreenderei o que nos impulsionava a estar perto um do outro. Eu sabia que o namoro do Weasley com a louca da Brown fosse a causa do desalento e carÃªncia dela, que deveria ser grande, a ponto de fazÃª-la suportar minha presenÃ§a, que, aparentemente, de tÃ£o oposta a dos amigos, era um alÃ-vio, por pior que fosse admitir tal fato.

Nossos assuntos sempre comeÃ§avam com uma dose generosa de ironia e sarcasmo de minha parte, e muita arrogÃ¢ncia e presunÃ§Ã£o da parte dela. Mas nos fim acabÃ¡vamos nos estendendo, de uma forma bastante bizarra e desajeitada, mas nos entendÃ-amos. Ela era uma mente inteligente, eu aprendi a confessar com o tempo, e mentes inteligentes sempre foram uma boa contribuiÃ§Ã£o. Portanto, para me

sentir menos humilhado, gostava de fingir que estava me aproveitando do intelecto dela, para fins nada nobres.

Num desses encontros contei a ela que deveria realizar uma tarefa impossÃ-vel, que determinaria o meu destino. Ela manteve-se em silÃªncio diante do meu tom de voz â€” falsamente grosseiro â€”, e ficou, aparentemente, ponderando se deveria me odiar, estapear, ou gritar o quanto eu era um ser humano desprezÃ-vel, arrogante e etc. Ela manteve a respiraÃ§Ã£o suspensa, os lÃ¡bios levemente entreabertos, Os olhos, contrariados, brilhavam, e estavam marejados. E eu posso assegurar que nunca alguÃ©m havia me olhado daquela forma. Ela nÃ£o exigiu saber sobre a missÃ£o. Hermione mirava minha alma, nÃ£o com reverÃªncia, medo ou piedade, mas como alguÃ©m que compreendia minha desgraÃ§a pessoal. Ela entendia que manter segredo era importante para mim, havia uma espÃ©cie de solidariedade nas pupilas negras, rodeada por finas linhas cor de oliva, e um toque leve de decepÃ§Ã£o.

xx

Dois meses depois, na noite em que ocorreria a festa de Slughorn, eu decidi que precisava vÃª-la, longe da biblioteca, a despeito de todas as implicaÃ§Ãµes que este desejo poderia trazer ao cumprimento da minha missÃ£o. Quando ela me viu no corredor da sala do professor de poÃ§Ãµes, me chamou, incerta se deveria, depois de tanto tempo, dirigir a palavra a mim. No mais profundo da minha alma, eu esperara por aquilo durante todas as noites frias em que passei revirando-me no colchÃ£o, acordando meus colegas de casa com meus resmungos.

Como ela estava linda! Os archotes iluminavam o corredor, e eu posso afirmar, com total e absoluta certeza, que estavam sendo injustos, pois nÃ£o revelavam as matizes que a figura dela trazia. As diversas nuances entre a pele do pescoÃ§o e as maÃ§Ã£s rosadas, com algumas sardas tÃ-midas. DiferenÃ§as delicadas, praticamente imperceptÃ-veis atÃ© mesmo para ela. Mas nÃ£o para mim, que havia me tornado um exÃ-mio observador da beleza dela, bastante peculiar, bastante proibida.

Caminhei atÃ© ela, falei alguma trivialidade sobre o tempo, como se estivÃ©ssemos preocupados com isso, e nÃ£o com o calor que subia pelos nossos corpos, ou pela tensÃ£o do encontro, que apesar de desejado, ainda trazia consigo inÃºmeras barreiras.

Nos encostamos na parede crespa, ambos os olhares perdidos. Ela me contou algumas coisas, e mesmo fingindo nenhum entusiasmo, eu ouvi tudo, com bastante atenÃ§Ã£o. Estava tranquilo ali, com a presenÃ§a dela, embora nunca fosse admitir; embora a mÃ¡scara de indiferenÃ§a permanecesse firme e intacta.

Contei que ela me odiaria, ainda mais, depois de tudo. Que eu faria algo imperdoÃ¡vel.

"Mais do que chamar alguÃ©m de sangue ruim?" Foi o que ela disse, Ã sombra da luz bruxuleante. A testa franzida e um vinco profundo entre as sobrancelhas.

Desviei o olhar. NÃ£o era um assunto confortÃ¡vel entre nÃ³s.

Eu nÃ£o respondi. NÃ£o pediria desculpas, se era isso que ela estava esperando. Eu ainda era Draco Malfoy, e estar com ela ainda era algo

que eu faria em segredo, por motivos que me pareciam bem
Ã³bvios.

Mas sendo tÃ£o inteligente como era, e a julgar pelo o risinho que
soltou pelo nariz, eu entendi que ela nÃ£o queria um pedido de
desculpas, queria apenas me analisar. Eu acabara de ser perscrutado,
e, da observaÃ§Ã£o, ela com certeza havia concluÃ-do que se eu estava
ali, isso deveria significar alguma coisa.

E significava. A alteraÃ§Ã£o nos meus batimentos cardÃ-acos, quando
sentia a respiraÃ§Ã£o dela mais perto, ou quando ela ajeitava uma
mecha desajeitada atrÃ¡s da orelha, era a prova cabal de que eu
entrara num abismo infinito, e jamais pararia de cair.

Quando nos despedimos, ela me aconselhou a lembrar, dos meus
'reflexos'. E eu sorri.

Ela sorriu de volta. Pela primeira vez trocÃ¡vamos tal reaÃ§Ã£o.
Sorrisos recÃ-procos.

xx

Em junho de 1997 eu optei por desistir. Segui o conselho dela, e dei
vazÃ£o ao meu 'reflexo'. Mas alguÃ©m terminou o serviÃ§o por
mim.

ApÃ³s a invasÃ£o dos comensais na Torre de Astronomia, e meu fracasso
escabroso, decidi subir atÃ© o corujal, enviar uma carta para minha
mÃ£e, que estava tÃ£o preocupada quanto se podia esperar que uma mÃ£e
estivesse.

Era tarde da noite, eu estava morto por dentro. Uma culpa amarga e
cruel martelava os meus nervos. NÃ£o era fÃ£ de Dumbledore, mas nunca
pensara em mata-lo, de fato. Eu vi, na Ã-ris azulada, um resquÃ-cio
de fÃ© em mim, minutos antes de Severo Snape tirar-lhe a vida, a
mesma fÃ© que notei nos olhos dela.

Entrando no corujal procurei por Cadox, uma das corujas que meu pai
deixara a minha disposiÃ§Ã£o, visando evitar eventuais
interceptaÃ§Ãµes das mensagens. Ela estava no lado mais limpo do
corujal. 'Onde as corujas de boa linhagem costumam descansar'_ Pansy
costumava dizer. Cadox estava cochilando sob o parapeito de uma das
janelas, que davam de frente para a lua, minguante naquela noite.
Retirei o pergaminho e a pena debaixo das minhas vestes e comecei a
escrever um bilhete apressado, para que minha mÃ£e soubesse de minha
falha, e estivesse preparada para o pior.

Um barulho de sapatos deslizando nas pedras da escadaria me pusera em
alerta. Estava muito tarde para 'alguÃ©m de confianÃ§a' estar fora da
cama, mesmo com o caos rondando toda a escola. Provavelmente os
alunos estivessem. Empunhando suas varinhas para o alto em sinal de
respeito. No entanto, o barulho se aproximava cada vez mais, de modo
que tive de me esconder nas sombras, enquanto observava
silenciosamente a figura que arrastava os sapatos com cansaÃ§o. Os
cabelos sendo bagunÃ§ados pelo vento forte que fazia ali no alto. O
cheiro adocicado, caracterÃ-stico dela. Hermione Granger estava ali,
chorando baixinho.

Senti vontade de correr e perguntar para ela se agora estava tudo
bem. Se ela estava satisfeita com a minha escolha. De repente a

opiniÃ£o dela era mais importante do que os futuros acontecimentos, e
eu conseguia sentir a fina irritaÃ§Ã£o que esta constataÃ§Ã£o me
causava.

Me fiz visÃvel, saindo das sombras. Ela deu um sobressalto, e o
olhar, ainda devastado pelas lÃ¡grimas, me fitava com pura
indignaÃ§Ã£o, o que me fez sentir uma nova onda de culpa e um
rebuliÃ§o no meu ventre. Mas acredito que meu semblante de derrota e
medo a tenha convencido da minha inocÃªncia parcial. Ela quis entÃ£o
saber o que havia acontecido.

Contei a ela a histÃ³ria do armÃ¡rio sumidouro, e todo o plano, desde
o dia em que Voldemort suscitara o assunto, na tentativa de punir meu
pai, e minha mÃ£e, por conseguinte. Confessei quem havia matado
Dumbledore, e sobre o voto perpÃ©tuo. Hermione me escutou, nÃ£o fez
nenhuma interrupÃ§Ã£o â€" algo bastante incomum para ela â€". Me
olhou sÃ©ria, e apenas segurou minhas mÃ£os, pressionando-as
levemente.

" Eu gostaria de livra-lo desta queda, mesmo vocÃª nÃ£o
merecendo..."

Virei -me de costas para ela. Uma ardÃªncia nos olhos e uma
queimaÃ§Ã£o na garganta indicavam a chegada de um choro de Ã³dio. Ela
nÃ£o precisava presenciar aquilo, por isso, pedi que saÃsse, me
deixasse sozinho. Ela nÃ£o saiu.

NÃ£o estava me xingando, tampouco oferecendo algum conselho trouxa
ridÃculo. Ela estava me fazendo lembrar de quando, aparentemente,
tudo havia comeÃ§ado. Seja lÃ¡ o que existisse entre nÃ³s. Senti os
braÃ§os delicados entrelaÃ§arem minha cintura por trÃ¡s, a cabeÃ§a
pousando em minhas costas.

NÃ£o reagi, a princÃpio, apenas lamentei meu fracasso com um grito
feroz, e ela me apertou mais forte. Tentei, em vÃ£o, conter um
soluÃ§o forte, que tentava sair pela minha garganta. O som
desesperado reverberou pelo local â€" que nÃ£o tinha tantas corujas
â€" produzindo um eco potente.

Hermione sussurrou uma meia dÃºzia de palavras, e eu tive que me
virar para ouvi-la. Ela precisava encontrar Potter, consola-lo ou
descobrir o que estava acontecendo, ou as duas coisas.

Apenas assenti, nÃ£o queria que ela fosse, mas ela iria, pelo amigo.
E eu deveria, igualmente, partir. Logo estariam me procurando para
uma reuniÃ£o 'especial' . Talvez eu nÃ£o voltasse, a probabilidade de
Voldemort me enviar para uma missÃ£o suicida era muito grande. Foi
com este pensamento, que resolvi, enfim, atender aos meus
instintos.

Aproximei minha mÃ£o gelada do rosto, surpreendentemente quente, de
Hermione. Ela era como uma brisa morna de verÃ£o, e derretia tudo o
que estava congelado dentro da minha alma. Mesmo com o frio que fazia
do lado de fora, ela estava aquecida.

Ao simples contato com a pele dela, meu coraÃ§Ã£o batia Ã exaustÃ£o,
todos os meus sentidos haviam se perdido. Eu sabia o que tinha de
fazer, e ela tambÃ©m sabia, por isso fechou os olhos.

Eu tinha noÃ§Ã£o alguma sobre onde estaria no dia de amanhÃ£, mas

ali, envolto numa nuvem de sentimentos contraditÃ³rios e proibidos, eu apenas queria ela. Como se minha corrente sanguÃ-nea houvesse sido contaminada pelo sangue dela, que eu considerava imundo.

Foi sob o vento impiedoso que varria as penas do Corujal, que eu finalmente escolhi alguma coisa em minha vida, e foram os lÃ¡bios delicados e quentes; o corpo pequeno e leve, que se amoldou com facilidade ao meu. Senti todos os mÃºsculos dela relaxando, assim como os meus. Na guerra que estÃ¡vamos travando desde sempre, resolvemos baixar a guarda. Diante de tantos sentimentos contraditÃ³rios, de tanto medo, preconceitos e orgulho, estÃ¡vamos nos rendendo. Enquanto sentia os dedos miÃºdos e a mÃ£o Ã¡gil acariciando meus cabelos, eu pude perceber que o destino Ã© um desgraÃ§ado, que te ferra e depois esfrega na sua cara, o quÃ£o perdido vocÃª estÃ¡. Naquele momento, o destino ria da nossa perdiÃ§Ã£o. E eu sÃ³ podia sorrir por estar ao lado dela, apesar de todo o revÃ©s.

XX

HavÃ-amos sido desarmados. E havÃ-amos optado por isso.

'Expelliarmus'

* * *

><p><strong>NOTAS FINAIS<strong>

Quem gostou? Levanta a mÃ£o!

Bem, eu gostei de escrever este capÃ-tulo. No entanto, estou com medinho de a fanfic nÃ£o estar muito clara. Minha intenÃ§Ã£o nÃ£o Ã© a linearidade, mas passar os sentimentos do nosso querido Draquinho.

End file.